Ciberespaço e Tecnologias Móveis.
Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura[1]

André Lemos[2]

Resumo

As prática sociais emergentes com as novas tecnologias de comunicação nos colocam em meio a uma cultura da conexão generalizada, engendrando novas formas de mobilidade social e de apropriação do espaço urbano. Processos de territorialização e de desterritorialização estão em marcha, potencializados pelas tecnologias móveis. A noção de desterritorialização é uma constante em textos sobre a cibercultura. O argumento central desse artigo é que as tecnologias móveis não fomentam apenas processos de desterritorialização, mas novas reterritorializações, através de dinâmicas de controle e acesso à informação. Mostraremos que o ciberespaço e as tecnologias móveis criam territorializações em meio à tendência global desterritorializante da cultura contemporânea.

Primeira Cena

O blogueiro Iraniano Hossein Derakhshan, que mora em Toronto, foi barrado na entrada dos EUA após seu nome ser "googleado" pelos oficiais da imigração. Estes foram "linkados" diretamente para o seu *blog* e puderam ler suas críticas ao governo americano. Não gostaram, censuraram e não deixaram Derakhshan passar.

Os diversos dispositivos digitais estão nos colocando em meio a formas sutis de controle e vigilância. Derakhshan foi vítima, ao mesmo tempo, da potência libertadora da emissão, e da violência controladora e punitiva possibilidada por esses novos formatos midiáticos[3]. Derakhshan cria uma reterritorialização no ciberespaço, o seu *blog*, um espaço de liberdade no espaço estriado das redes telemáticas. No entanto, "seu território" acaba sendo utilizado como forma de controle e vigilância. No aeroporto, um "não lugar" (Augé, 1994), ele é territorializado, controlado pela polícia americana a partir de marcas eletrônicas deixadas na rede.

---

[1] Esse artigo faz parte da pesquisa Cibercidades (CNPq). Pesquisa do Grupo de Pesquisa em Cibercidades (GPC/CNPq) do Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura (Ciberpesquisa) - PPGCCC/Facom/UFBa.

[2] Professor da Facom/UFBa.

[3] in Carnet de Notes, 02/12/2005, <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos>

Segunda Cena

Barnet chega em Marrakech e, na praça central da cidade, perde seu rumo. Desterritorializada, em um país estrangeiro, ela aciona o seu celular que, rapidamente, afixa na tela um mapa apontando a sua localização: *"my location zone is the record in a log"*. Na condição de estrangeira, e em movimento, a australiana passa a controlar o espaço físico pelo acesso ao espaço eletrônico. Perdida na cidade, ela passa a reterritorializá-la, controlando seus movimentos no espaço. Para Barnet, *"I have become data traveling through data landscapes. I have become a roaming subscription number" (...) "the places I visit become 'smart' by virtue of my presence. I bring information with me to this place, and this information mediates my experiences: the territory surrounding me serves as surfaces of projection for data"* (Barnet, 2005). O celular é aqui instrumento de reterritorialização.

...

As duas cenas mostram processos de territorialização e desterritorialização com o uso das redes telemáticas, seja através de *blogs* ou de dispositivos móveis. Em ambas as cenas, trata-se de controle, de territorializações e também de linhas de fuga e desterritorializações. Tentaremos mostrar como esses dispositivos criam novas dinâmicas no processo de controle/territorialização e de mobilidade/fuga/desterritorialização.

Visões correntes da cibercultura apostam nas tecnologias como dispositivos que irão dissolver todos os problemas de fronteira. O ciberespaço, *"comme espace illimité des réseaux informationnels permet de circuler hors contraintes, dans un espace pur, sans friction, éthéré et virtuel"* (Musso, 2003:332). Essa visão parte da incompreensão dos processos desterritorializantes e de uma visão meramente física do território, afirmando que o espaço geográfico, as cidades e as fronteiras desaparecerão. O espaço estriado da vida cotidiana se apagaria ao instituir-se um espaço eletrônico liso, livre de controle e do terror[4]: *"dans le cyberspace, le territoire rugueux e résistant est effacé; ne subsiste qu'un espace lisse, fluide, fait pour la circulation..."* (Musso, 2003:334).

[4] A palavra território está etimologicamente ligada a "terror".

O ciberespaço é efetivamente desterritorializante, mas essa dinâmica não existe sem novas reterritorializações. Toda mídia, da escrita à internet, cria processos que nos permitem driblar os constrangimentos do espaço e do tempo: envio de mensagens a distância, processos mnemônicos. As mídias contemporâneas instauram processos de territorialização e desterritorialização, a partir da compressão espaço-tempo (Harvey, 1992) e do desencaixe (Giddens, 1991), que criam novas geometrias do poder (Foucault, 1979) e novos agenciamentos[5] (Deleuze, Guattari, 1980). A compressão do espaço-tempo institui o "tempo real" e a possibilidade de acesso a informações em todos os espaços do globo. O desencaixe nos permite vivenciar processos globais não enraizados na nossa tradição cultural. As mídias eletrônicas criam assim processos desterritorializantes em níveis político, econômico, social, cultural e subjetivo.

Territorialização e Desterritorialização

Processos de des-re-territorializações constituem o homem enquanto ser "aberto ao mundo". O próprio do homem é viver e construir, na natureza, o seu mundo. A cultura humana é uma des-re-territorialização da natureza. Heidegger mostrou como o homem é estrangeiro à natureza, tendo que "habitar para construir". Desterritorializado, o homem se vale de meios técnicos e simbólicos para reterrritorializar-se, construindo o seu habitat.

O homem luta para sair do estado de abandono e criar um território já que ele não está no mundo com os outros animais. Esse estado o faz habitar construindo seu espaço, cujo fazer remete a *tecknè* como ação prática, como "fazer aparecer". A técnica é aqui reterritorialização. A ferramenta, feita de uma pedra, é a pedra reterritorializada pela mão. Como afirma Heidegger, "*c'est seulement quand nous pouvons habiter que nous pouvons bâtir*" (1958:191). Quando podemos criar um "território" podemos criar um mundo. As questões de território, territorialização e desterritorialização são essenciais ao homem.

[5] Agenciamento é uma combinação de elementos heterogêneos dando origem a algo novo: "*un agencement est précisément cette croissance des dimensions dans une multiplicité qui change nécessairement de nature à mesure qu'elle augmente ses connexions*" (Deleuze e Guattari, 1980:15).

A noção de território é polissêmica[6], e não deve ser entendida apenas pelo aspecto jurídico, como espaço físico delimitado. Definimos território através da idéia de controle sobre fronteiras, podendo essas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas. Criar um território é controlar processos que se dão no interior dessas fronteiras. Desterritorializar é, por sua vez, se movimentar nessas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído. O território é uma área de acesso controlado (Sacks, 1986, apud Haesbaert, 2004:69), utilizando aqui a idéia de acesso em sentido amplo, incluído a dimensão informacional. Para Godelier, todo território se estabelece como acesso, uso e controle, *"tanto das realidades visíveis quando dos poderes invisíveis que a compõem"* (Godelier, 1984, apud Haesbaert, 2004:69).

Criar um território é se apropriar, material e simbolicamente, das diversas dimensões da vida. O Estado e as instituições tendem sempre a manter territórios como forma de poder e controle. Toda territorialização é uma significação do território (político, econômico, simbólico, subjetivo) e toda desterritorialização, re-significação, formas de combate à inscrição da vida em um "*terroir*", linhas de fuga. Vemos aqui a dinâmica dos processos sociais descrita por Simmel (1988).

A vida social precisa de "territórios" para existir (leis, instituições, arquiteturas), mas o vitalismo só existe a partir de tensões desterritorializantes que impulsionam e reorganizam esses "territórios". A vida social deve ser entendida como mobilidade e fluidez e não como arquitetura fechada (poder, classe, instituições). A dinâmica da sociedade se estabelece mais por movimentos de fuga do que por uma essência imutável das coisas. O que interessa são processos, dinâmicas des-re-territorializantes que marcam o social. Desterritorializações e reterritorializações são processos interligados: "*il faut penser la déterritorialisation comme une puissance parfaitement positive, qui possède ses degrés et ses seuils (épistrates), et toujours relative, ayant un envers, ayant une complémentarité dans la reterritorialisation* (...) *les territorialités sont donc de part en part traversées de lignes de fuite qui témoignent de la présence en elles de mouvements de déterritorialisation et de reterritorialisation*" (Deleuze e Guattari, 1980:71-72).

[6] Para uma visão completa ver Haesbaert (2004).

Só podemos pensar o território a partir de uma dimensão integral das diferentes formas sociais, como lugar de processos de semantização (territorialização), bem como de movimentação (desterritorialização), a partir de múltiplas relações de poder (Foucault) e/ou desejo (Deleuze). Todo espaço, físico ou simbólico, apropriado por forças políticas, econômicas, culturais ou subjetivas, se transforma em território.

Se pensarmos em civilizações pré-modernas, o território físico é lugar de controle sobre os aspectos da vida material. Delimitar o seu território significa aqui controlar as condições materiais de existência (acesso a bens materiais e defesa contra inimigos). O processo de territorialização se dá aqui pelo apego a terra. São, no entanto, processos desterritorializantes como a religião e o mito que dão sentido a essa apropriação do território. A linguagem, a arte, a técnica, a religião são aqui mídias, ativadoras de processos desterritorializantes, em um território físico muito bem delimitado.

Na sociedade industrial moderna, a técnica, como força atualizante, vai expandir os limites desse controle e fazer do mundo um território para gestão científica e tecnológica sob a égide da razão. O processo de expansão dos territórios (globalização) começa no século XVI com as navegações e se concretiza com a formação do Estado Nação e do capitalismo mercantil e industrial. Trata-se aqui de controle de fronteiras e biopolítica. No entanto, a dinâmica territorializante da sociedade moderna cresce junto como novos fenômenos desterritorializantes, engendrados pelas mídias de massa, pelas revoluções sociais, pela flutuação das fronteiras culturais e subjetivas. Começam a emergir movimentos de compressão do espaço-tempo e de desencaixe que se concretizam na era pós-industrial.

Na sociedade pós-industrial agravam-se as crises de fronteiras e, consequentemente, de controle sobre os territórios (físico, econômico, informacional, cultural, subjetivo). A sensação é de uma desterritorialização generalizada. Surgem claramente problemas com os limites (corpo, Estado, identidade) estabelecidos na era moderna. Na década de 1980, esses fenômenos vão ganhar visibilidade e não é à toa que surge aqui o conceito de desterritorialização (Deleuze e Guattari, 1980).

A economia se desterritorializa pela globalização, pelo pós-fordismo e pela deslocalização do trabalho. A política, pelos estados supra-nacionais e organismos de regulação como GATT, Banco Mundial, FMI, e blocos como Nafta, Comunidade Européia e Mercosul. A cultura desterritorializa-se pelo multiculturalismo e pelo esfacelamento da identidade e desenraizamento do sujeito. Note-se que os fenômenos de desterritorialização influenciam-se mutuamente: desterritorializações no campo da política e da econômica podem levar a desterritorializações culturais, simbólicas e subjetivas, e vice-versa.

Como esse processo se dá na cibercultura? Por ser caracterizada com a era das redes telemáticas planetárias, a cibercultura é uma cultura da desterritorialização. Ela nos coloca em meio a diversos problemas de fronteira, agravando as crises de controle e de acesso, influindo em todas as demais formas de desterritorializações contemporâneas. A desterritorialização informacional afeta a política, a economia, o sujeito, os vínculos identitários, o corpo, a arte. A internet é, efetivamente, máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito). Estão em marcha processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura.

O ciberespaço cria linhas de fuga e desterritorializações, mas também reterritorializações. Os meus *blog*, *site*, *chats*, *podcast*, rede P2P, são reterritorializações, formas de controle do fluxo de informações em meio ao espaço estriado que constitui o ciberespaço planetário. A funções de Estado é estriar o espaço, controla-lo, ou *"de se servir des espaces lisses comme d'un moyen de communication au service d'un espace strié"* (Deleuze e Guattari, 1980:479). O ciberespaço pode ser pensado sobre esse aspecto, como espaço estriado, controlado e vigiado. Ele é controlado por mecanismos técnicos, é gerenciado por instituições governamentais e privadas[7]. No entanto, a dinâmica social não pára de mostrar linhas de fuga e possibilidades de des-re-territorializações: ações ciberativistas, *blogs*, redes P2P, movimento pelos *softwares* livres, comunidades virtuais, softwares sociais como Orkut... O ciberespaço pode assim ser visto também como um espaço nômade, "*lisse,*

[7] A gestão técnica da internet é feita pelo ICANN (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers), sob responsabilidade do Departamento de Comércio americano.

seulement marqué par des 'traits' qui s'effacent et se déplacent avec le trajet" (Deleuze e Guattari, 1980:472).

Esse é o agenciamento maquínico da estrutura técnica contemporânea. Ele pode ser compreendido pelas noções de máquina social e coletiva. Essas máquinas criam, na cibercultura, processos de apropriação e desvios, linhas de fuga, des-re-territorialização, já que "*ce qui est premier par rapport à l'élément technique, c'est la machine: non pas la machine technique qui est elle-même un ensemble d'éléments, mais la machine sociale et collective, l'agencement machinique qui va déterminer ce qui est élément technique à tel moment, quels en sont l'usage, l'extension, la compréhension...*" (Deleuze e Guattari, 1980:495).

Como espaço estriado, o ciberespaço é, no entanto, desterritorializado por agenciamentos maquínicos, sociais e coletivos, criando reterritorializações. Essa é a dimensão comunicacional, social e política da cibercultura. O que tem feito do ciberespaço um mecanismo de liberação da emissão, de reconfiguração cultural e de sociabilidade coletiva em rede é a potência para a criação de linhas de fuga em um espaço de controle informacional. Essas linhas de fuga vêm obrigando a indústria do entretenimento e da cultura massiva a readaptações.

Não devemos compreender o ciberespaço como um espaço liso, ou apenas como um espaço de desencaixe e de compressão espaço-tempo, mas como lugar de quebra e criação de controle e de hierarquias, de territorialização e desterritorializações. Como vimos, não existe desterritorialização sem reterritorialização e não há formação de território que não deixe aberto processos desterritorializantes. O ciberespaço é um exemplo desse fenômeno: ele nasce como espaço estriado, território controlado pelo poder militar e industrial e vai sendo, pouco a pouco, des-re-territorializado por novos agenciamentos da sociedade (tensões de controle e acesso informacionais). Como afirma Raffestin *"o acesso ou o não-acesso à informação comanda o processo de territorialização, desterritorialização da sociedade"* (Raffestin, 1988, apud Haesbaert, 2004:90).

Na sua "conjuração dos sites", Anne Cauquelin descreve um sítio, nos aproximando da dimensão de controle e acesso. O sitio *"marque une situation, c'est à dire une*

construction, dépendante d'une décision ou volonté de faire. Le site est issu d'un projet d'établissement vers les cimes: il faut dominer l'ennemi, prévoir ses mouvements; la colline, le promontoire, le roc…" (Cauquelin, 2001:116). O sítio é um território, lugar de controle e de acesso a dimensões simbólicas e materiais. Por analogia, o *site* eletrônico na *web* marca a sua territorialidade como "*la réponse données aux multiples égarements que suscitent chez l'utilisateur les nouveaux dispositifs technologiques*" (Cauquelin, 2001:123).

Um *site* é sempre uma territorialização ou uma des-re-territorialização, lugar de controle que pode ser uma linha de fuga ao poder instituído, ou a reafirmação desse mesmo poder. Podemos dizer aqui que a cibercultura não apenas destrói hierarquias e fronteiras, mas que também as institui em um processo complexo de des-re-territorializações. Vejamos o caso das tecnologias móveis.

Mobilidade

Diversos autores apontam a relação direta entre mobilidade e desterritorialização. Para muitos, as sociedades contemporâneas estão imersas em diversos nomadismos (Maffesoli, 1997), em espaços urbanos móveis e inteligentes (Mitchell, 2003; Graham e Marvin, 1996; Meyrowitz, 2004) e em mobilidades sociais (Urry, 2000; Cooper, Green, 2002). Meyrowitz vai mesmo sustentar que a cultura contemporânea estaria voltando à forma primitiva, transformando-nos em *"nômades globais na savana digital"* (Meyrowitz, 2004). Estaríamos imersos em uma maior flexibilidade social, uma organização fluida com papéis menos rígidos e lugares sociais intercambiáveis. As diversas formas de mobilidade contemporâneas exigem esforços complexos de compreensão por parte das ciências sociais, que não podem mais pensar em termos de categorias fechadas. A cultura contemporânea só pode ser compreendida através da *"mobile sociology"* (Urry, 2000).

Essa nova configuração social vai ser influenciada e impulsionada pelas tecnologias móveis. Para o que nos interessa aqui, os fluxos globais e a mobilidade atual são, em grande parte, causa e conseqüência das novas tecnologias móveis, como mostram Sasken (2001), Castells (1996), Graham, Marvin (1996), Wheeler, Aoyama, (2000), entre outros. Compreender a cibercultura só é possível a partir de um pensamento

móvel, que dê visibilidade a processos de mobilidade urbana, de cidades globais e nomadismos informacionais.

A desterritorialização está associada a processos de mobilidade, a partir de mobilidades internas e externas[8]. Estas são as mais facilmente identificáveis, já que se constituem como deslocamento de corpos e de informações. As internas são processos de impulso vital levando a mobilizações externas. Para Deleuze, o pensamento é a desterritorialização absoluta, engendrando mobilidades internas e externas. Como a mobilização externa remete a distensões de controle no espaço, elas são frequentemente associadas a processos de desterritorialização. No entanto, se considerarmos as mobilidades internas e externas, podemos ter processos de territorialização móvel e de desterritorialização imóvel, a depender da dinâmica.

As tecnologias de comunicação móveis são tidas como desterritorializantes, instituintes de processos nômades, justamente por criar deslocamentos de corpos e informação. O nômade é o desterritorializado absoluto e para Deleuze e Guattari *"la vie nomade est intermezzo (...) le nomade n'est pas du tout le migrant (...) le trajet nomade (...) distribue les hommes dans un espace ouvert, indéfini, non communiquant"* (1980:472-473). Nesse sentido, devemos ter cuidado ao falar em tecno-nômades na cibercultura. As tecnologias móveis permitem exercer um maior controle sobre o espaço e o tempo, agindo também como ferramentas de territorialização. Por instituir formas de controle, através de uma justaposição do espaço eletrônico e físico, tecnologias móveis criam territorializações e controles informacionais, podendo ou não criar procedimentos nômades.

Alguns exemplos. Um executivo que viaja constantemente está em mobilidade, mas controlado pelo seu celular, pelo seu *laptop* ligado à internet, pelos percursos pré-determinados. Ele está em mobilidade, mas não é um nômade, já que territorializado, controlado e controlando o fluxo de matéria e informação. Um internauta, por outro lado, que se tranca em seu quarto e navega por horas por informações mundiais, sem percurso pré-definido, vivencia processos nômades, desterritorializantes, sem sair do lugar. Um usuário de telefone celular, que se desloca em um espaço desconhecido e

[8] Deleuze e Guattari (1980) falam de multiplicidades intensiva e extensiva.

acessa um banco de dados, está em movimento, mas territorializado pelo controle informacional do espaço físico e eletrônico. Ele não é um nômade. O uso de SMS em processos de ação política, ou em coordenação de atividades quotidianas, conhecido como "*smart mobs*" (Rheingold, 2005), pode servir como linhas de fuga ao poder instituído criando reterritorializações e nomadismos.

Os exemplos mostram como as tecnologias digitais podem ser agentes de territorialização e controle, assim como de desterritorialização e de diminuição de hierarquias, aumentando mobilidades, instituindo formas nômades. O importante é frisar que as tecnologias da cibercultura, principalmente as móveis, podem criar processos desterritorializantes, mas esses não estão garantidos pelo simples uso dos artefatos. Mais uma vez encontramos aqui o problema do determinismo tecnológico, já que o uso do dispositivo não garante processos desterritorializantes ou nômades e podem mesmo reforçar poderes constituídos e territorializados.

Territorialização e tecnologias móveis.

Mostramos em outro trabalho (Lemos, 2005) como o desenvolvimento da cibercultura começa com a micro-informática nos anos 70, com a convergência tecnológica e o estabelecimento do *personal computer* (PC). Nos anos 80-90, assistimos a popularização da internet e a transformação do PC em um computador coletivo (CC), conectado ao ciberespaço. Com o desenvolvimento da computação móvel, o que está em marcha é a fase da computação ubíqua[9], a era dos computadores coletivos móveis (CCM). O CCM estabelece-se com a telefonia celular 3G, com as redes *wi-fi*, as etiquetas *RFID*[10] e as redes por tecnologia *bluetooth*. Esses dispositivos vão criar fenômenos de des-re-territorialização a partir da interface entre o espaço físico e o espaço eletrônico, alterando a dinâmica das grandes cidades.

Telefone, telégrafo, rádio foram os primeiros instrumentos midiaticos a proporcionar uma mobilidade comunicacional efetiva, antes possível apenas de forma imaginária. As tecnologias digitais sem fio vão potencializar esse sonho de mobilidade, instaurando uma inédita mobilidade informacional mundial. A fase do CC, do acesso

[9] Ver "Centre for Pervasive Computing. Concepts and Technology for the Future", in http://www.pervasive.dk/ e http://en.wikipedia.org/wiki/Sentient_computing.

[10] RFID é o acrônimo "*radio frequency identification*". Ver http://www.rfidjournal.com/

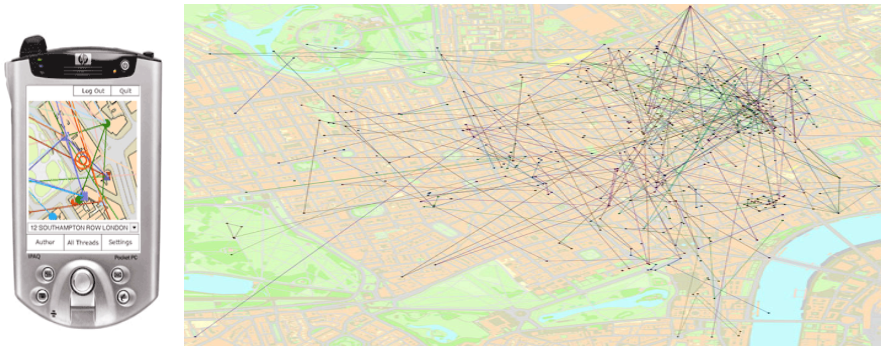
à rede por "pontos de presença" instaurou a sinergia entre espaços físicos e eletrônicos. Com os CCM, vemos o surgimento de um espaço a-tópico ou pan-tópico, onde o acesso não se dá mais por pontos, mas em "ambientes de acesso".

As cidades estão se transformando em ambientes generalizados de acesso[11] e os espaços físicos conectados passam a ser indiferenciados, um "não espaço" pan-tópico. O lugar transforma-se, pelo controle e acesso à informação, em um território através de novas formas de controle informacional. O espaço pan-tópico das cidades passa a ser um espaço sem lugar, uma "u-topia", servindo para produção, controle, acesso e distribuição de informação. Qualquer espaço pode transformar-se no "meu território" já que passo a controlá-lo informacionalmente. Para Jauréguiberry, "*l'espace médiatique devient un espace sans distance physique ou les lieux s'effacent en se télescopant, dans lequel le branché vit une illusion d'ubiquité qui se réalise paradoxalement sous une forme utopique, au sens étymologiquement du terme : celle de l'avènement d'un espace sans lieu*". (2005:53).

Podemos descrever três tipos de espaços pan-tópicos onde tudo é rastreado, memoriável e controlado: 1. O espaço pan-tópico de rastreamento (sistema de acesso em espaços "inteligentes"); 2. O espaço pan-tópico mnemônico (captura de fragmentos do espaço - fotos e vídeos feitos por celulares - circulados em rede); e 3. O espaço pan-tópico panóptico (lugar de controle e vigilância). Aqui vemos princípios territorializantes e, ao mesmo tempo, a criação de pan-topias que podem levar a uma desterritorialização do sentido político de lugar. A solução para Jauréguiberry é a territorialização : "*se sentir être ainsi d'un territoire, c'est la possibilité de s'en considérer responsable, ce qui veut dire aussi à l'écoute et solidaire de ceux qui y vivent.*"(2005:58). Vejamos alguns exemplos de (re)territorialização a partir das tecnologias móveis, como celulares e rastreamento por GPS.

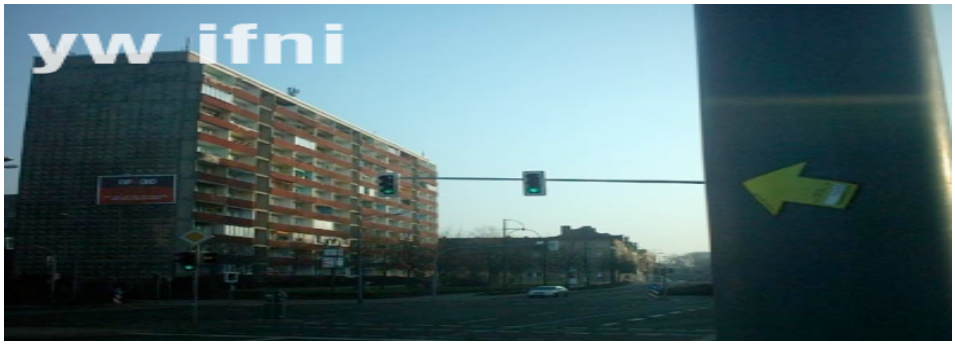
[11] Para mais sobre esse assunto ver o Observatório das Cibercidades in, http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/cibercidades/disciplinas/

Degree of Confluence (http://www.confluence.org/). O objetivo desse projeto é mapear e fotografar lugares do mundo a partir de coordenadas mapeadas por GPS. Trata-se de reterritorialização a partir de localização das intersecções de longitude e latitude a partir de GPS. Busca-se fotografar essas intersecções. Vemos aqui um processo de reterritorialização a partir de fotos de lugares inexplorados ou lisos. Como afirma o projeto, *"The goal of the project is to visit each of the latitude and longitude integer degree intersections in the world, and to take pictures at each location. The pictures and stories will then be posted here. The project is an organized sampling of the world."*



Urban Tapestrie (http://urbantapestries.net/). Nesse projeto trata-se de mapear o espaço físico das cidades através de tecnologias sem fio, onde o usuário pode "escrever" sobre o espaço e ler aquilo "escrito" por outros usuários. O sistema aceita textos, fotos e vídeos. Trata-se de uma reterritorialização por "*public authoring*" em espaços eletrônicos em interface com o espaço urbano. Aqui as tecnologias móveis (celular) e o ciberespaço fazem com que o usuário possa imprimir suas impressões e territorializar espaços de passagem (não-lugares) das cidades. Como afirma o projeto: "*Urban Tapestries is an experimental software platform for knowledge mapping and sharing – public authoring. It combines mobile and internet technologies with*

geographic information systems to allow people to build relationships between places and to associate stories, information, pictures, sounds and videos with them."



Yellowarrow (http://yellowarrow.net/index2.php). Esse projeto visa colocar setas amarelas em lugares da cidade. Estas são indexadas a mensagens multimídia que os usuários emitem a partir de telefones celulares. Usuários podem baixar setas pela internet e colar no espaço urbano, criando suas histórias pessoais. Aqui, como no exemplo anterior, trata-se mais uma vez de um "*public authoring*", reterritorializando espaços anônimos das cidades. Trata-se de deixar uma "marca" no espaço público, dando sentido, semantizando o território, criando processos reterritorializantes: *"It's about creating a subjective map of the city.(...) It's about the personal experience. There are stories in these arrows that you can't find in a conventional map."*

34 North 118 west. Mining the Urban Landscape (http://34n118w.net/34N/). O objetivo desse projeto é mapear espaços da cidade de Los Angeles onde os usuários podem ouvir sons de outras épocas. Aqui o espaço anônimo das cidades são reterritorializados por sons de outras épocas, dando novo sentido ao espaço físico. De acordo com os organizadores, *"Imagine walking through the city and triggering moments in time. Imagine wandering through a space inhabited with the sonic ghosts of another era. Like ether, the air around you pulses with spirits, voices, and sounds. Streets, buildings, and hidden fragments tell a story. The setting is the Freight Depot in downtown Los Angeles. (...) 34 North 118 West plays through a Tablet PC with Global Positioning System card and headphones. GPS tracks your location to*

determine how the story unfolds as you uncover the early industrial era of Los Angeles."

Wave Market (http://www.wavemarket.com/products.html). Nesse sistema, o telefone celular é uma ferramenta para mapear pessoas e espaços das cidades. O sistema permite ainda que usuários encontrem outros usuários e se localizem no espaço. Trata-se de processos de controle e acesso (reterritorializações) sobre o espaço físico a partir do espaço eletrônico. Algumas aplicações: "***StreetHive***™ - *a mobile social network that lets friends locate one another, send messages, and share location-tagged information right from their mobile devices.* ***Family Finder*** *- gives mobile subscribers accurate information regarding the location of family members via the web or mobile phone.* ***Navi.Me*** *- allowing users to plan routes, get directions, and locate themselves on an interactive handset map.* ***Near.Here****. - Users can use to request a location fix and instantly find nearby points of interest, including restaurants, gas stations…".*

Sonic City (http://www.tii.se/reform/projects/pps/soniccity/index.html). Nessa experiência o objetivo é criar sons pelos espaços urbanos através de dispositivos eletrônicos, criando novas significações para o espaço urbano, novas reterritorializações. O usuário capta sons do ambiente (e do seu corpo no ambiente) e pode transformá-los em música. Como afirmam os organizadores, *"Sonic City is a project exploring mobile interaction and wearable technology for everyday music creation. We have designed a system that creates electronic music based on sensing*

bodily and environmental factors. Mapping these to the real-time processing of concrete sounds, Sonic City generates a personal soundscape co-produced by physical movement, local activity, and urban ambiance. Encounters, events, architecture, (mis)behaviors – all become means of interacting with or 'playing the city'."

Concluindo

O ciberespaço é, ao mesmo tempo, lócus de territorialização (mapeamento, controle, máquinas de busca, agentes, vigilância) mas também de reterritorialização (*blogs*, *chats*, P2P, tecnologias móveis). O desencaixe sócio-cultural e a compressão espaço-tempo criam um misto de desmaterialização e descontinuidade. A desterritorialização cria novas formas de territorialização que movimentam a vida social, podendo agir contra as escleroses das instituições sociais, sendo desestabilizadoras das arquiteturas do poder. Tentamos aqui compreender como as novas tecnologias de comunicação e informação proporcionam a criação de mobilidades, de linhas de fuga e des-re-territorializações em meio ao controle global da informação por governos, instituições e empresas.

Mostramos nesse artigo processos de territorialização e desterritorializações para compreender melhor a dinâmica social das novas tecnologias de comunicação e informação. Definimos território de forma abrangente e, em todos os exemplos citados, tentamos mostrar como as tecnologias móveis estão criando processos de reterritorialização, em meio a uma dinâmica mais ampla de desterritorialização do ciberespaço. Esses projetos mostram também como o espaço eletrônico está em interface com o espaço urbano, trazendo possibilidade de novas significações para o espaço das metrópoles contemporâneas.

A idéia do ciberespaço e das tecnologias móveis desconectados da dimensão física/espacial, e como alienantes e portadores apenas de processos desterritorializantes parece aqui exagerada. Trata-se de afirmar a potência desterritorializante, mas também reterritorializante, das tecnologias da cibercultura. O que está em jogo é a criação de novas possibilidades de sentido para o espaço das cidades contemporâneas através das tecnologias móveis e do espaço eletrônico

mundial, o ciberespaço. Compreender essa dinâmica é fundamental para uma visão mais profunda do complexo processo comunicacional contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

AUGE, M., Não Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade, Bertrand Ed., 1994

BARNET, B., Infomobility and Technics: some travel notes., in CTheory., vol. 28, n. 03, 27/10/2005, http://www.ctheory.net

CASTELLS, M, The Rise of the Network Society. The Information Age: Economy, society and culture., Oxford, Blackwell, 1996.

COOPER, G., GREEN, N., et alli., Mobile Society? Technology, distance, and presence., in WOOLGAR, S., Virtual Society. Technology, cyberbole, reality., Oxford, Oxford Press, 2002, pp. 286-301.

CAUQUELIN, A., La conjuration du site., in Parrochia, D (dir)., Penser les Réseaux., Paris, Champ Vallon, 2001., pp. 114-127.

DELEUZE, G., GUATTARI, F., Mille Plateaux. Capitalisme et Schizophrénie., Paris, Les Editions de Minuit, 1980.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder., RJ., Graal, 1979

GIDDENS, A., As consequências da modernidade. SP, Unesp, 1991.

GODELIER, M., L'idéel et le matériel., Paris, Fayard, 1984.

GRAHAM, S., MARVIN, S., Telecommunications and the City: London, Routledge,1996.

HAESBAERT, R., O mito da desterritorialização. Do "fim dos territórios" à Multiterritorialidade., RJ, Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, D., A condição pós-moderna., SP, Loyola, 1989.

HEIDEGGER, M., Essais et Conférences, Paris, Gallimard, 1958.

JAURÉGUIBERRY, F., Inscription territorielle et ubiquité télécommunicationnelle., in Fronteiras, VII (1): 53-59, Janeiro/abril 2005, Porto Alegre, Unisinos.

KATZ, J.E; AAKHUS,M., Perpetual Contact. Mobile communication, private talk, public performance., Cambridge University Press, 2002.

LEMOS, A., Cibercultura e Mobilidade. A era da conexão., Razón y Palabra, 41, 1995.,http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html

MAFFESOLI, M., Du Nomadisme. Vagabondages initiatiques., Paris, Livres de Poche, 1997.

MEYROWITZ, J., Global Nomads in the digital veldt., in Revista Famecos, julho 2004, PUC-RS, Porto Alegre, pp. 23-30.

MITCHELL, W. J., Me ++. The cyborg self and the networked city., MIT Press, Cambridge, MA, 2003.

MUSSO, P. Critique des Réseaux., Paris, PUF, 2003.

RAFFESTIN, C., Repères pour une théorie de la territorialité humaine. In, Dupuy, G (dir)., Réseaux Territoriaux, Caen, Paradigme, 1988.

RHEINGOLD, H., *Smart* Mobs. The next social revolution., Perseus Publishing, 2003.

SACKS, R., Human Territoriality: it's theory and history., Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

SASSEN, S., The Global City., New York, London, Tokyo., New Jersey, Princeton University Press, 2001.

SIMMEL. G., La tragédie de la culture, Paris, Rivages, 1988.

URRY, J., Mobile Sociology., in British Journal of Sociology., vol. N. 51, issue n. 1, january/march 2000, pp. 185-203.

WHEELER, J.O., et.alli (org). Cities in the Telecommunications Age. The Fracturing of Geographies., Routledge, 2000.